

# AVOZ E A PALAVRA

“LA PAROLE N’A PAS ÉTÉ DONNÉ À L’HOMME, IL L’A PRISE”

A inteligência comanda a escolha da Palavra enquanto a voz que a veicula é o resultado de um comando voluntário, motriz.

A comunicação oral humana depende duma e doutra para se constituir, é a palavra, elemento condutor da inteligência que domina o discurso oral, porque transporta em si um sentido que a voz pode afirmar ou negar mas que permanece como um elemento da Língua.

## **I** QUE DIFERENÇA HÁ ENTRE A VOZ E A PALAVRA

A emissão fisiológica do som a que se chama voz (humana) transforma-se em **Palavra** por processos psicolinguísticos de integração dos sistemas neuro-psico-fisiológicos, tornando-se assim num acto locutório e num modo de expressão que concedem um estatuto definitivamente privilegiado ao Homem, na escala biológica natural.

A voz é portanto um acto basicamente fisiológico que põe em jogo vários sistemas (físicos) e que é, hierarquicamente, subordinada à Palavra.

Que diferença há então entre Voz, emissão de som e Palavra, signo linguístico!

Existe um imenso progresso entre o primeiro som ocasional, produzido pelo homem das cavernas e a linguagem do homem do Séc. XX. Aliás, o primeiro som

já não deve ter sido um acto fisiológico puro, mas um apoio sonoro a um pensamento duma consciência rudimentar.

O comportamento instintivo realiza-se por uma série de reflexos em cadeia, cada um dos quais provocado por um evocador activo diferente.

Cada homem, no momento do seu nascimento, encontra-se aparentemente tão desprovido de conhecimentos verbais como o homem primitivo, mas rapidamente (estima-se em doze anos) ele adquire o total domínio dos mecanismos psico-linguísticos e usa adequadamente o seu próprio aparelho fonador.

Mas a voz sem pensamento consciente não realiza palavra inteligível. O pensamento humano é um processo cultural, mas tem de existir a nível consciente, graças ao material que o realiza: a realidade do pensamento manifesta-se por, e em, a Língua.

Os elementos que definem a Língua Humana são servidos numa língua natural pela voz e também por vários outros sinais (sonoros ou não), que constituem a linguagem não falada, subsistema que a Semiótica estuda em profundidade.

A linguagem oral não é, no entanto, a barreira definitiva que separa o homem do animal. A verdadeira barreira, é a capacidade que o ser humano tem de separar as palavras dentro da frase e de as unir a outras formando novos enunciados, é a possibilidade de a palavra poder ter uma vida independente e não permanecer estaticamente rígida como acontece com os animais. A esta capacidade linguística humana deu George Van Gobeinz (1901) o nome de **Divisibilidade**, característica que mais tarde Martinet retomou dando-lhe o nome de **Articulação**.

Mas **Divisibilidade** e **Articulação** não são exactamente uma e mesma articularidade da linguagem humana.

Os enunciados (segmentos de discurso) podem dividir-se em enunciados menores, constituídos por menos elementos e podem articular-se em dois planos: em 1.<sup>a</sup> articulação e em 2.<sup>a</sup> articulação, consoante o elemento articulado, contém ou não significado próprio. A 2.<sup>a</sup> articulação (ou dupla articulação) é a dos elementos sonoros que não têm significação autónoma; é extremamente importante, porque não contendo as unidades divididas significado em si próprias, podem associar-se a outros elementos e contribuir para a construção de novos enunciados com significação.

Ora o animal, mesmo o das espécies superiores não consegue sequer articular as unidades de 1.<sup>a</sup> articulação (com significação), conscientemente.

Para o animal, os sinais ficam unidos, ligados, não têm mobilidade.

Provido portanto desta capacidade fundamental, conseguida graças ao comando nervoso voluntário dos órgãos de fonação, o homem torna-se o rei da Criação.

O seu cérebro, mais desenvolvido e com maior capacidade do que o das outras espécies, possui um centro coordenador de linguagem e possui também uma rede de milhões de neurónios (unidade básica de sistema nervoso) que são nervos coordenadores situados na membrana que envolve o cérebro.

A palavra humana articulada é o resultado de um comando motriz voluntário, que se torna automático com o treino.

A **Palavra** é portanto uma ordem dimanada pelo cérebro conseqüente a um pensamento que lhe pré-existe (pré-construído) e que põe em acção os agentes de execução que actuam sobre os órgãos fonadores.

Por exemplo, o músculo pneumogástrico é activado para fazer funcionar a laringe, enquanto o grande músculo hipoglóssico interfere na movimentação da língua (órgão).

Outra particularidade muito importante da linguagem humana, para além também da variedade de sons que as modificações do aparelho fonador humano são capazes de produzir, será o facto de a linguagem ultrapassar o pragmatismo da motivação directa da satisfação do instinto básico. (Como vai longe o grito do homem das cavernas!).

A linguagem tornou-se descritiva, transformou-se num instrumento simbólico, espelho do mundo objectal, abordando os subjectos da alma humana.

Ultrapassando o estado de comunicação, sua vocação primeira, a palavra transforma-se em instrumento do pensamento, modificando o seu comportamento sonoro, através do emprego deliberado dos supra-segmentais embora permanecendo essencialmente a transposição da mensagem através do plano cerebral.

Enquanto emissão sonora, a palavra representa o domínio do homem sobre a Voz, transformando-a em Palavra, como elo de comunicação, como motivo de ligação, como mediadora entre o seu individualismo e o complexo meio-social em que ela própria se enquadra.

O homem necessita de um meio de comunicação (troca de palavras = ideias) para, por interacção, relativizar o mundo exterior com o seu mundo interior.

Mas a palavra servida pela Voz pode ser utilizada também para outros fins.

Usando a função apelativa ou a função emotiva da linguagem, o homem consegue interferir no logos psicológico do receptor levando-o a agir de determinada maneira.

Assim, a palavra integrada no discurso oral, pode ser um processo do homem moderno con(vencer) o OUTRO.

A expressão oral, é a experiência realizada de um raciocínio e pode transformar-se numa arma de ataque ou defesa, consoante o raciocínio que lhe preside: pelo estabelecimento de um diálogo que possibilitará a troca de ideias ou pensamentos, ou, pelo contrário, na instauração de um processo de ruptura de comunicação, deliberadamente construído, ou ainda, na introdução de um factor de influência através de um acto de manipulação consciente e expressamente levado a efeito.

Ao fazer progredir a linguagem, que mais não é do que uma continuidade da Palavra que se sucede no tempo/espaço para se transformar em discurso, a humanidade transforma o mundo em irmandade planetária e transforma-se ao mesmo tempo a si própria, fazendo com isso progredir a civilização.

A Voz — o som actualizado e a cultura verbalizada, ligam-se simbioticamente para atingir um fim comum: produção de sons = a fala que pela força das leis dos operadores lógicos e operadores discursivos se transforma em D. O.

Mas a Palavra, sendo elemento portador de inteligência é definitivamente a dominadora, porque é ela que, integrada em discurso, eleva o Homem ao estatuto de "Homo Sapiens".

É a palavra que transporta a mensagem que abre as portas à conotação a partir do sentido denotativo básico, isto é, abre as portas à sensibilidade, à imaginação, ao espírito, embora a voz se lhe associe por vezes, não funcionando apenas como veículo inerte.

Portanto a Palavra, serve-se da Voz, que por sua vez serve a Inteligência, transportando a mensagem através do discurso/oral, de que ela é própria produtora.

Retomamos a finalizar a questão que pusemos de início:

Que diferença existe entre a Voz e a Palavra?

A resposta é-nos dada por P. Chauchard a (...) possibilidade duma orientação infinita num mundo infinito (...).

## 2

### AS ACTIVIDADES VERBAIS

Quando uma criança pronuncia a sua primeira palavra, não julga globalmente a situação em que ocorre esse primeiro acto da fala; reage apenas a um estímulo que por qualquer razão ela particularizou e que é o **evocador** dessa mesma reacção.

A criança, embora no momento em que verbaliza essa palavra esteja a receber muitos outros estímulos, permanece insensível a estes, ainda que os seus sentidos se registem.

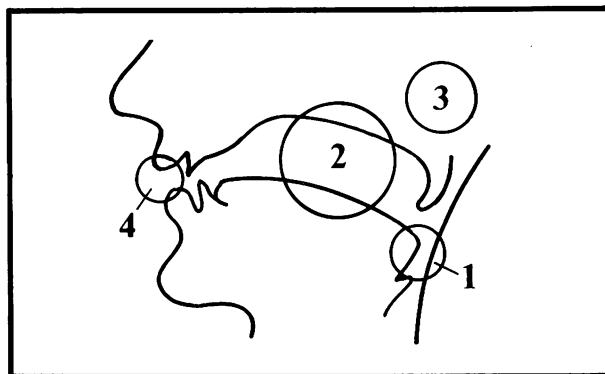
Quer isto dizer que o mecanismo instintual posto em marcha a partir duma necessidade fisiológica básica, nada mais é do que um automático, que funciona apoiado na impressão sensorial ligada por associação mnemónica. Ainda neste puro momento, o esquema de Skinner S→R.

A sensibilidade (reacção) aos sinais sonoros ou visuais por parte da criança que principia a falar é responsável pela sua recepção às imagens significativas.

Nesta galáxia povoada por sinais sonoro-visuais, o

ser humano é constantemente preso de reacções que se desactivam automaticamente comandadas por um subconsciente vigilante e obediente a um código pré-assimilado.

Estas mensagens visuais que podem, ou não, fazer recurso à língua falada são linguagens paralelas do mundo actual, que actuam profundamente na formação do código.



Os quatro principais ressoadores do aparelho fonador: 1, a faringe; 2, a boca; 3, as fossas nasais; 4, a cavidade labial

E porque fazemos referência à linguagem visual? Porque ela vai despoletar noções evocadoras do pré-consciente, providas dum grande poder reactógeno que transportam mensagens de grande valor informativo, que podem competir com as mensagens veiculadas pela linguagem falada e por vezes com vantagem.

A mensagem imagética de que a publicidade usa e abusa e algumas vezes com redundância do discurso oral/escrito (com pleno sucesso dos seus objectivos económicos) é um exemplo flagrante do real valor da mensagem imagética.

Mas regressemos à criança. Balbucia a sua primeira palavra e comunica o seu desejo ou necessidade.

A relação entre a resposta ao estímulo (que se realiza na palavra proferida) e a necessidade que pré-seleccionou o estímulo, faz-se cada vez mais conscientemente e cada vez menos instintualmente.

Portanto, a pouco e pouco a criança vai apreendendo um código de sinais que o contexto em que se insere lhe fornece e que ela associa aos seus estímulos internos.

Nasce assim uma pré-linguagem mista de sinais que ela aprende a (re)conhecer e a pouco e pouco a nomear com palavras que ela própria cria e que vão sendo gradualmente substituídas pelas significantes da língua natural em que se insere a sua existência social. →

As palavras vão constituindo o (...) dicionário que eu sou (...) (Ruy Belo, *Homem de Palavras*) e à custa das "ferramentas" linguísticas, que a criança ignora serem as classes e subclasses da gramática normativa, vão surgindo as estruturas que a vão transformar em sujeito falante dum língua natural, ou seja, numa identidade linguisticamente delimitada por parâmetros etno-sócio-psicológicos.

Transformada finalmente ao fim de cerca de doze anos de evolução linguística, num sujeito falante, a criança estará, a esse nível etário, implantada num universo escolar também este delimitado pelas coordenadas etno-sócio-psicológicas do contexto da criança.

Nessa escola, o sujeito falante que é simultaneamente aluno de língua portuguesa, aprende os segredos morfo-sintáticos da língua (que ele fala inatamente) e ao fazê-lo descobre as maravilhas, as subtilezas e os problemas do que até ali lhe parecera fácil: **FALAR!**

A metalinguística invade o seu pequeno mundo, mitificando o que lhe parecera claro e complicando o que se lhe apresentara até ali fácil: **ESCREVER!**

Falar e escrever com as suas precedências respectivas ouvir e ler, são portanto actos verbais que utilizam sistemas sensoriais diferentes.

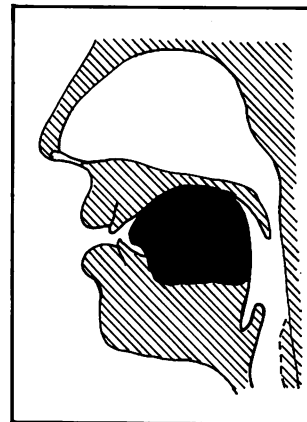
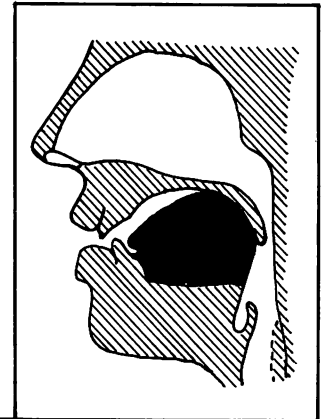
**Ouvir**, implica um mecanismo sensorial e específico que passa pelos órgãos da audição (enquanto o som é fenómeno acústico) e que entronca noutro sistema, este neurológico: assim que ultrapassa a fase de fenómeno físico, e passa a neuro-físio-psicológico integra-se então no (...) sistema centro-encefálico, um sistema complexo situado no tronco cerebral, que compreende várias estruturas que têm conexões com os dois hemisférios, encontrando-se consequentemente dependente da regulação de todas as grandes funções psicológicas (...) (Penfield e Roberts, 1963) "Langage et mécanismes cérébraux", Paris, 1963.

O ouvido analisa os sons emitidos e transmite pelas vias auditivas até à membrana cerebral uma sinalização que traduz a intensidade, altura, direcção-timbre (as qualidades que definem o som acústico); na zona das têmporas é recebida esta sinalização e sintetizada ao nível do consciente. Esta síntese é recebida pelas memórias específicas de interpretação sonora. O som que é palavra vai estabelecer contacto entre os três centros cerebrais (frontal, parietal, temporal) que são o Centro da linguagem *strictus sensus*.

Falar é um processo que faz recurso ao aparelho respiratório, à laringe e às cavidades supraglóticas

enquanto acto fisiológico. A excitação eléctrica põe em jogo os neurónios motores periféricos encarregados de activarem certos músculos do corpo. Trata-se portanto de uma união neuromotriz.

Posição da língua na nasal dorsovelar (inglesa *ng*) (Segundo Jones)



Posição da língua na nasal dorsoplatal (francesa *gn*) (Segundo Jones)

O aparecimento da palavra, na memória, faz-se por pré-selecção ou chamamento do signo significante, o que constitui a linguagem silenciosa do pensamento já aqui referida. Este signo, imagem acústica/significante, significando imagem acústica, é codificado em sons que o aparelho fonador, numa operação fisiológica, actualiza em fala.

Ler e escrever são portanto duas actividades complementares, com precedência da primeira. Na leitura, os grafemas são percebidos pelos órgãos visuais e transmitidos ao cérebro por vias especiais.

A percepção é a condição anterior a todo o processo mnemónico. Não se pode fixar senão aquilo que foi anteriormente apreendido segundo dizem as leis da Psicologia de Forma (Gestaltismo). Portanto, uma vez percebidos os problemas, inicia-se um complexo processo que desencadeia (...) as modificações neuro-fisiológicas e bioquímicas a que se chama trocas mnemónicas (...) Piaget, 1970.

O acto da escrita activa os mecanismos psicomotores que através dos neurónios específicos do centro da escrita (situado ao lado da área de Broca no hemisfério esquerdo) desencadeia o acto de escrita.

Uma vez reconhecidos os morfemas (elementos que se acrescentam à raiz como os prefixos e as desinências) e apreendida a sua articulação sintagmática/paradigmática, o cérebro ordena as contracções musculares que constituem o acto de escrita.

No hemisfério cerebral esquerdo onde se situam as funções da linguagem e da escrita especialmente na parte posterior da circunvolução frontal esquerda, dão-se os fenómenos processuais, com implicação dos componentes motrizes inerentes, da linguagem e da escrita.

A leitura e a escrita estão reunidas no cruzamento parieto-temporal occipital, assim como a linguagem e a fala.

Penfield e Roberts in "Langage et mécanismes cérébraux", PUF, Paris, 1963, verificaram que (...) correntes eléctricas aplicadas na área da Broca, na área motriz suplementar ou na região tempoparietal do hemisfério esquerdo provocam diversas alterações na linguagem (...) distúrbios da leitura (...) perturbações da escrita (...).

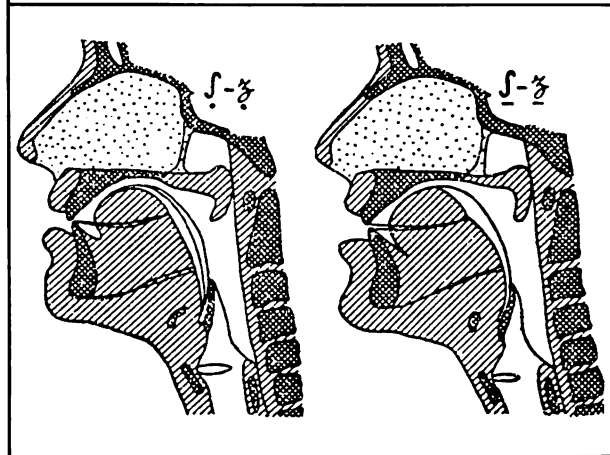
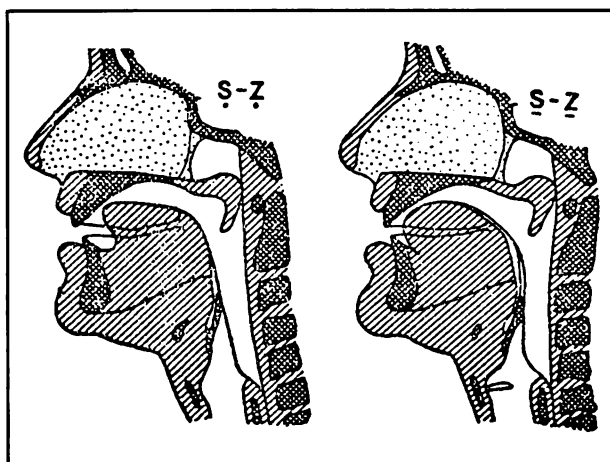
Estas investigações vêm provar que os actos de ouvir (o neuro fisiológico) falar, ler e escrever, postulam a existência de centros cerebrais distintos que seriam as sedes fisiológicas de funções susceptíveis de serem determinadas selectivamente.

Penfield e Roberts (*ibid.*) defendem a existência de (...) um sistema total com zonas especializadas ligadas entre si por vias nervosas transcorticais ou subcorticais (...).

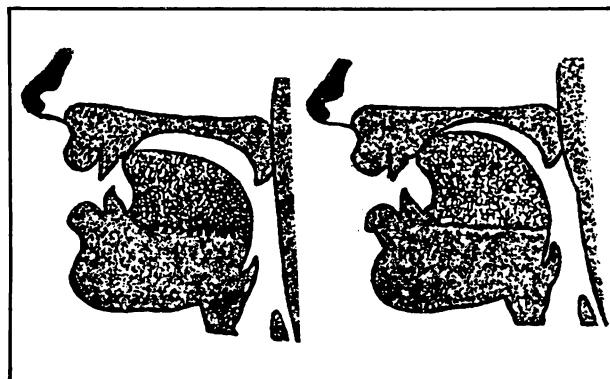
Poderemos portanto afirmar que os actos de ouvir e falar, ler e escrever, são actividades verbais diferentes, mas que se ligam numa interacção quando o ser humano entra em comunicação com o mundo que o rodeia.

As actividades verbais — transformadas em D. O. (discurso oral) são portanto os produtos neurofísicos que permitem ao Homem comunicar. A Voz, veículo privilegiado na comunicação oral, submete-se à Palavra servindo-a e servindo-se desta. Aragon, disse que (...) "a palavra não foi dada ao Homem, porque este a tomou (...) e é verdade".

Na sua evolução psico-física, o Homem integrado no sistema evolutivo natural, luta, ele próprio, pela superioridade que lhe assegure a posição cimeira na escala biológica, e essa superioridade passa pelo domínio da Palavra.



Posição da língua em *s* (em cima) e em *ch* (em baixo). À esquerda, o tipo apical; à direita, o tipo predorsal.  
(Segundo Hedegus)



Posição da língua nas africadas *ts* (à esquerda) e *tc* (à direita). Na figura vê-se a oclusão completa. Trata-se da primeira fase do fonema. A segunda fase é, em princípio, idêntica à que caracteriza a constrictiva correspondente.

## 3

## A VOZ E A FALA

Apreendidas as técnicas de audição, fala, leitura e escrita, está o ser humano preparado para receber e emitir mensagens, isto é, para comunicar.

Mas qualquer destes actos de comunicação tão simples do nosso quotidiano, tão básicos que se tornaram automáticos, quando orientados no sentido de atingir um máximo de perceptibilidade na emissão e recepção de mensagens, transforma-se num acto elaborado, que recorre às técnicas e aos conhecimentos da Fonética Articulatória da Fonética Combinatória, das técnicas do Discurso Organizado.

No Discurso Oral o relevo das palavras advém do uso conscientemente manipulado dos órgãos do aparelho fonador: velocidade imprimida, modulação de certos sons, estabelecimento diferenciado do tom, pausa intencionalmente colocada, etc.

L. Bellenger diz que (...) “falar é traduzir através das variações da voz, a nossa vida afectiva interior” (...) “as entoações captam as nossas sensações e projectam-se em sobreimpressão na nossa linguagem” (...).

Já sabemos que o uso da palavra falada é diferente do uso da palavra escrita porque onde existem normas linguísticas rigidamente regulamentadas por leis sintácticas e morfológicas, que podem ser corrigidas de qualquer lapso, pontualmente, passa a haver uma instantaneidade entre produção e emissão que não permite a corecção do erro ou lapso cometidos pelo emissor. As rupturas das estruturas sintácticas, lógicas, são falhas rotineiras do Discurso Oral. O emissor em situação D. O., sobretudo de improviso real cai em repetições (perífrases, litites, reduções), desvios e elipses e no emprego de locuções onomatopaicas, com alguma facilidade.

É portanto necessário treinar a “fala” com um treino persistente e sistemático, partindo da matéria-prima – Voz – esta, por seu turno, também já trabalhada.

O exercício-base de maior eficácia é o da leitura em voz alta (a nível de domínio fonético-articulatório).

A leitura interpretativa também é muito importante porque fornece indicações sobre a capacidade de expressão do locutor.

O segundo exercício já é a um nível diferente; é o relato de contextos reais, visualizados, a que se seguirá a descrição de situações simuladas, com pré-elaboração de um plano.

O terceiro exercício em termos de dificuldade é o improviso directo sobre um tema dado.

Mas as entrevistas dialogadas, os debates, as intervenções totalmente espontâneas ou com pré-notação, o comentário crítico imediato, a exposição, são também exercícios de grande importância para o desenvolvimento da língua falada.

É evidente que elaborar o pensamento para a língua escrita ou para a língua falada são actos diferenciados.

O escrito e o oral diferem, como já se disse, pela sua morfologia, pela sua pragmática e pelos seus respectivos mecanismos de expressividade. Os códigos gramaticais não coincidem.

Mas embora o oral possa ser menos preciso do que o escrito, envolve também a necessidade de certas técnicas que lhe são específicas e a necessidade de persistência no treino.

Treinar é repetir, é agir objectivamente em conformidade com uma orientação e um conhecimento teórico prévio.

Todos estes exercícios ou actuações devem ser registados para posterior reprodução em audição crítica do próprio produtor do discurso.

De facto, é tão importante como o exercício da fala, a sua análise comparativa entre os diferentes estádios evolutivos do emissor.

Mas para além do treino deverá existir um conhecimento mais do que empírico das técnicas em uso: conhecimento da Fono-Estilística, das suas regras e normas; conhecimento da Fonética Articulatória que tem por objecto analisar os sons realizados por meio dos órgãos da fala, de reconhecer o modo de produção desses sons, isto é, a posição ou tensão dos diferentes órgãos postos em jogo pelo acto de fonação. É o estudo destes mecanismos (jogo do véu palatino, modificações na cavidade bucal, movimentos da língua e dos lábios, oclusão ou constrição do canal bucal, que permite o aperfeiçoamento conscientemente conseguido do acto da fala.

Os professores, especialmente o professor de língua, tem a preocupação dominante de fazer passar a mensagem através de um discurso claro e sem ambiguidade. No seu acto didáctico, ele preocupar-se-á efectivamente com o conteúdo da sua mensagem, mas ele sabe, desde logo, que não é só a qualidade ou importância da

mensagem que importa valorizar, mas também o modo como essa mensagem chega ao seu Destinatário.

Ele expressa-se sempre tendo em conta a maneira como os grupos significativos em disposição hierárquica, que constituem o discurso oral numa língua natural, projectam um conjunto de unidades semânticas nitidamente recortadas, permitindo um complexo de significação ampla e clara.

Ele preocupar-se-á também em corrigir o discurso oral dos seus alunos, proporcionando-lhes o conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para tal, porque, mesmo para o sujeito falante vulgar, é importante o conhecimento e a prática da sua própria língua para que esta, embora sujeita às regras naturais da evolução das línguas vivas, permaneça perfeita e estável para os seus utentes. ●



**\* JULIETA NASCIMENTO PIEDADE**

Responsável pelo Grupo Áudio do NETED – IPED. Professora de Língua Portuguesa no Departamento de Cursos para Estrangeiros da Faculdade de Letras de Lisboa.

**BIBLIOGRAFIA**

- CONTEIX, J. – L'expérience des radios propédeutiques in ICEF Review, vol. 2, n.º 3, Septembre, 1966, pp. 33–38.
- BALTON, P.; W., Hardcastle – Disorders of fluency, London: E. Arnold, 1977.
- GALLAGHER, M. – Broadcast evaluation: what can I tell us that we do not know already, Internal paper, O. U., 1975, p. 16.
- GANTIER, N. – L'enseignement d'une langue étrangère, chapitre IV, Programmation et laboratoires de langues, PUF, Paris, 1968, pp. 65–78.
- GOFFMAN, E. – Forms of talk, Oxford: Basil Blackwell, 1981.
- LEFRANC, R. – Les systèmes universitaires et post-universitaires européens d'enseignement à distance, Strasbourg, Conseil d'Europe, in n.º 4, 1974, p. 174.
- MOUNIN, G. – Linguistiques et Philosophie, PUF, 1975.
- PENFIELD et ROBERTS – Langage et mécanismes cérébraux, PUF, Paris, 1963.
- RIVERS, Wilga M. – Psicologia e ensino de línguas, S. Paulo, Ed. Cultrix, 1974.
- WIOLAND, F. – Pour "bien" parler, prendre le temps, Le Français dans le monde, 176, 1982, pp. 79–83.